

David Dias Neto  
Maria João Figueiras  
Editores

PSICOLOGIA &  
PSICOTERAPIA

6

# Investigação em **Psicologia** Clínica e da Saúde



EDIÇÕES SÍLABO

## **Psicologia & Psicoterapia**

---

**Diretor de coleção: Telmo Mourinho Baptista**

### *Títulos publicados*

1. Dicionário de Psicologia
2. Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais  
Vol. 1 – Intervenções Clínicas
3. Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais  
Vol. 2 – Perturbações e Grupos Específicos
4. Psicoterapia na Torre de Babel
5. Psicologia da Arte – Apreciação, Criação e Obra
6. Investigação em Psicologia Clínica e da Saúde

### *Psicologia & Psicoterapia*

Livros de carácter científico e de divulgação sobre aspetos importantes nas áreas da psicologia e da psicoterapia. Privilegiando autores portugueses, um contributo para a formação dos profissionais e uma maior divulgação dos conhecimentos e práticas de que a psicologia e a psicoterapia se ocupam.

# **Investigação em Psicologia Clínica e da Saúde**

Editores

David Dias Neto  
Maria João Figueiras

*EDIÇÕES SÍLABO*

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio gráfico, eletrónico ou mecânico, inclusive fotocópia, este livro.

As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor.

Não participe ou encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos.

O seu apoio aos direitos dos autores será apreciado.

Visite a Silabo na rede

**[www.silabo.pt](http://www.silabo.pt)**

#### FICHA TÉCNICA

Título: Investigação em Psicologia Clínica e da Saúde

Autores: David Dias Neto, Maria João Figueiras e vários autores

© Edições Silabo, Lda.

Capa: Pedro Mota

1ª Edição – Lisboa, setembro de 2025

Impressão e acabamentos: Europress, Lda.

Depósito Legal: 553975/25

ISBN: 978-989-561-440-0



**EDIÇÕES SÍLABO, Lda.**

Publicamos conhecimento

Editor: Manuel Robalo

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 Lisboa

Telf.: 218130345

e-mail: [silabo@silabo.pt](mailto:silabo@silabo.pt)

[www.silabo.pt](http://www.silabo.pt)

# Índice

## **Prefácio**

Telmo Baptista

13

## **PARTE 1**

---

### **Desenvolver investigação em Psicologia Clínica e da Saúde**

#### **CAPÍTULO 1 – O processo de investigação**

19

Ana Nunes da Silva

O que é investigação científica

21

Origens da investigação em psicologia clínica e da saúde

30

Porquê investigar em psicologia clínica e da saúde?

32

Diferentes tipos de investigação

34

Fases do processo de investigação

39

Limitações e desafios da investigação em psicologia clínica

52

#### **CAPÍTULO 2 – Considerações éticas na investigação**

59

Carla Moleiro • Marta Osório de Matos

Introdução: a ética na prática clínica baseada  
na evidência científica

61

Virtudes éticas: valores e atitudes das pessoas que fazem investigação	61
Das atitudes éticas à investigação	64
Dos princípios éticos às normas específicas e às práticas em investigação	66
Dilemas éticos e processo de decisão	77
Revisão e parecer sobre a condução da investigação: o papel das comissões de ética	81
Os resultados da investigação: ética e responsabilidade na divulgação e publicação	82
Considerações finais	83

### **CAPÍTULO 3 – Desenho de um estudo de investigação** 89

Marta Osório de Matos

Introdução	91
A revisão de literatura	92
Objetivos de investigação, questão de investigação e hipóteses	99
Metodologia	106
Desenho de estudo	108
Variáveis: tipos, operacionalização e mensuração	113
Níveis de medida	116
Qualidade e validade dos estudos	117
Métodos de amostragem e recrutamento de participantes	119
Considerações éticas no momento de desenhar um estudo	123
Considerações finais	123

### **CAPÍTULO 4 – Escolher e utilizar métodos de investigação** 127

Bruno Faustino • João Delgado

Introdução	129
Paradigmas de investigação	129

Metodologias quantitativas	131
Estudos transversais e estudos longitudinais	132
Validade interna e externa de estudos quantitativos	134
Escolha de instrumentos de recolha de dados	137
Validade e fiabilidade/precisão das medidas quantitativas	142
Metodologias qualitativas	145
Validade de metodologias qualitativas	146
Métodos de recolha de dados qualitativos	147
Seleção de métodos quantitativos e qualitativos, métodos mistos e triangulação	150
Revisão sistemática e metanálise	151
Considerações finais	154
<b>CAPÍTULO 5 – Analisar e interpretar dados de investigação</b>	157
Tânia Brandão	
Análise e interpretação de dados	159
Técnicas de análises de dados quantitativos	159
Estatística descritiva	160
Estatística inferencial	170
Validação de instrumentos	192
Outras análises relevantes	200
Considerações finais	202
<b>CAPÍTULO 6 – Escrita e disseminação de investigação</b>	205
Rita Sebastião	
Divulgação na comunidade científica e prática clínica	207
Escrita científica	208
Disseminação da investigação	223
Considerações finais	241

## PARTE 2

---

# Desenhos de investigação em Psicologia Clínica e da Saúde

## **CAPÍTULO 7 – Investigação descritiva** 247

Filipa Pimenta • Marta Uva • Ana Rita Nunes • Inês Queiroz-Garcia

Estudos de prevalência: conceito e aplicação	249
Objetivos da investigação descritiva	255
Exemplo de estudo descritivo: análise das perceções de saúde mental em estudantes universitários	257
Caraterização de populações específicas	261
Metodologias de recolha de dados em estudos descritivos	262
Vantagens e desvantagens da investigação descritiva	267
Tipos de enviesamentos que podem ocorrer na investigação descritiva	270
Exemplos práticos	272
Exemplo ilustrativo de um estudo: análise e comentário	274

## **CAPÍTULO 8 – Investigação correlacional** 283

Maria João Figueiras

Conceitos fundamentais da investigação correlacional	285
Tipos de investigação correlacional	288
Exemplos de questões de investigação em estudos correlacionais	292
Investigar relações entre variáveis: desenhos correlacionais	294
Estudos de mediação e moderação: conceitos básicos e exemplos	296
Correlação <i>vs.</i> causalidade	303
Exemplo ilustrativo de um estudo: análise e comentário	305



## **CAPÍTULO 9 – Investigação experimental de intervenções** 313

Marta M. Marques • Maiara Moreto

O papel dos desenhos experimentais em psicologia clínica e da saúde	315
Identificação de mecanismos de ação nos desenhos experimentais: <i>porquê</i> e <i>como</i> é que as intervenções funcionam	330
Ferramentas, diretrizes e passos para a realização de estudos experimentais	333
Exemplo ilustrativo de um estudo: análise e comentário	341
Considerações finais	346

## **CAPÍTULO 10 – Investigação integrada na prática** 353

Oswaldo Santos • Ana Virgolino

Introdução: da investigação básica à investigação integrada em contextos de serviço e prática	355
Objetivos de investigação em contextos de prática	360
Tipos de investigação de serviço e contextos de prática	361
Estudos de efeitos associados à exposição a «experiências naturais»	363
Estudos quasi-experimentais	367
Avaliação de programas e intervenções em serviços de saúde	376
Métodos de recolha de dados em tempo real e em contextos reais: os <i>experience sampling methods</i>	385
Desafios e considerações éticas	390
Considerações finais	392

## **CAPÍTULO 11 – Estudos de caso em psicologia clínica e psicoterapia** 397

João Salgado • Carla Cunha

Introdução	399
Definindo estudo de caso	402
Objetivos dos estudos de caso	404
Tipos de estudos de caso	410
Recolha e análise de dados em estudos de caso: métodos e técnicas aplicadas ao campo da psicologia clínica e da saúde	424
Exemplo ilustrativo de um estudo: análise e comentário	438
Considerações finais	442

## **CAPÍTULO 12 – Investigação qualitativa** 449

Sónia Bernardes • Cecília Aguiar • Sofia Silva-Ribeiro

Introdução	451
Fundamentos da investigação qualitativa	453
A recolha de dados qualitativos	461
A análise de dados qualitativos	471
Introdução à análise temática reflexiva	473
Exemplo ilustrativo de um estudo: análise e comentário	479
Considerações finais	488

## **CAPÍTULO 13 – Investigação com métodos mistos** 493

Elisa Kern de Castro • Paulo Chaló

Introdução à investigação com métodos mistos	495
Definição e objetivos de investigação com métodos mistos	497
Diferentes desenhos de métodos mistos	501
Fases e estratégias de pesquisa mista	503
Desenho convergente	505

Desenho sequencial explanatório	508
Desenho sequencial exploratório	510
Exemplo ilustrativo de um estudo: análise e comentário	512
Considerações finais	516
<b>CAPÍTULO 14 – Da investigação para a prática e da clínica para a investigação</b>	521
David Dias Neto	
Da investigação para a clínica	524
Da clínica para a investigação	530
Diferenciação das intervenções em psicologia clínica e da saúde	536
Considerações finais	539
<b>ANEXOS</b>	547
Cátia Martins Castro	
Anexo I – Conexão e parcerias	547
Anexo II – Revisão de literatura	549
Anexo III – Gestão do tempo e tarefas	550
Anexo IV – Questões orientadoras para o planeamento de um estudo	551
Anexo V – Gestão de referências	553
Anexo VI – Recursos de escrita	554
Anexo VII – Escrita científica em inglês	555
Anexo VIII – Escolha de revistas e submissão dos artigos	557
Anexo IX – Lista de verificação para publicação de um artigo científico	561
Anexo X – Carta de submissão de artigo para revista	564
Anexo XI – Guia de investigação e publicação	567
Anexo XII – <i>Software</i> de análise qualitativa	568

Anexo XIII – Definição e implementação do método	570
Anexo XIV – Início de uma análise estatística	571
Anexo XV – Orientações e recursos para estudos de intervenção	572
Anexo XVI – Ética na investigação	575
Anexo XVII – Apresentação e comunicação da investigação	577
Anexo XVIII – Proteção de dados de investigação	580
Anexo XIX – Preparação de póster científico para conferências	581
Anexo XX – Comunicação oral para conferência	586
Anexo XXI – Vídeos científicos para divulgação da investigação	590
Anexo XXII – Financiamento para investigação	592
Anexo XXIII – Inteligência artificial	596
<b>Sobre os autores</b>	<b>599</b>

# Prefácio

Telmo Mourinho Baptista

A procura de tratamento para uma condição que nos aflige – ou a um familiar próximo – é sempre um processo condicionado por vários fatores, desde logo as possibilidades de acesso disponíveis. Contudo, há um denominador comum no momento da escolha: desejamos encontrar o profissional mais qualificado, aquele que nos possa conduzir ao alívio mais rápido e completo da condição. Seja uma perturbação física ou psicológica – ainda que esta distinção se revele cada vez menos útil – aspiramos sempre a ter acesso aos cuidados mais atuais e competentes.

A qualidade desses cuidados depende do conhecimento científico disponível sobre a eficácia das intervenções e da forma como esse conhecimento é aplicado na prática clínica. O percurso que vai da identificação de um problema até à implementação das estratégias mais adequadas envolve várias etapas. Entre elas, a investigação da eficácia dos tratamentos propostos assume um papel central. É um imperativo ético garantir às pessoas o acesso a intervenções que tenham demonstrado maior eficácia no alívio ou eliminação das perturbações.

Desde as suas origens, a psicologia adotou o método científico na busca de leis que explicassem o funcionamento humano. Os primeiros estudos recorreram ao laboratório para explorar as diferenças individuais e os fenómenos universais. Desde então, o método científico expandiu-se e consolidou-se em inúmeros domínios da psicologia. Hoje, o conhecimento precisa de ser sustentado por evidências sólidas, passíveis de escrutínio por parte da comunidade científica. A publicação em revistas especializadas tornou-se prática comum de comunicação, sujeita a critérios cada vez

mais rigorosos relativamente às metodologias utilizadas, explicação quanto aos raciocínios elaborados e conclusões obtidas.

A acumulação consistente de provas confere confiança ao conhecimento produzido, reforçado por revisões sistemáticas e meta-análises que integram resultados de múltiplos estudos, evidenciando tendências sólidas e consistentes.

Este processo assegura que o conhecimento produzido é relevante para a prática clínica. Saber o que funciona, para quem e em que circunstâncias permite delinear estratégias e métodos de intervenção aplicáveis a diferentes condições.

Contudo, é necessário percorrer ainda um caminho entre a produção de conhecimento e a sua aplicação quotidiana. Esse percurso passa pelo ensino e pela formação especializada dos profissionais, responsabilidade das universidades e das instituições de formação avançada. Trata-se de um processo exigente e contínuo, que combina aprendizagem teórica, prática supervisionada e atualização permanente, com o objetivo de desenvolver competências sólidas para o psicólogo clínico.

Foi com este espírito que nasceu o presente livro: como um guia para apoiar e capacitar psicólogos nos processos de investigação em psicologia clínica e da saúde. Conduz o leitor pelas várias etapas de uma investigação rigorosa, desde a compreensão do processo científico, ao desenho de estudos, à escolha de métodos adequados, até à análise, interpretação e disseminação dos resultados. Todas estas fases são tratadas com especial atenção aos princípios éticos, dimensão indispensável em qualquer investigação contemporânea.

A segunda parte da obra oferece uma visão ampla dos diferentes desenhos de investigação, ajudando o investigador a selecionar o mais adequado às suas questões. A complexidade dos problemas clínicos exige uma correspondência entre a natureza da pergunta e a metodologia que melhor permite respondê-la.

O livro dedica ainda importante atenção à transição entre conhecimento e prática clínica, sublinhando a influência recíproca que a prática exerce sobre a investigação, num ciclo virtuoso que enriquece ambos os lados.

Os anexos, por sua vez, constituem um valioso recurso prático, fornecendo suportes para as diversas fases que facilitam as tarefas do investigador.

Outro dos aspetos mais relevantes desta obra é o facto de a sua autoria serem psicólogos portugueses – professores e investigadores universitários – com provas dadas nos circuitos de investigação e contributos relevantes para a psicologia clínica e da saúde em Portugal.

A maturidade alcançada pela investigação científica no nosso país exigia uma obra desta natureza, que reunisse autores nacionais e reflectisse a incorporação da investigação como parte integrante da sua prática académica e profissional.

Este manual destina-se a estudantes, investigadores e profissionais que procuram compreender e aplicar os processos de investigação em psicologia. A investigação deve fundamentar os modelos de intervenção terapêutica e desempenha um papel essencial na formação dos psicoterapeutas. Cabe a estes profissionais conhecer, compreender e integrar os resultados científicos na sua prática quotidiana.

Assim, este não é apenas um livro para quem faz investigação. É uma obra para todos os que querem compreender o processo que sustenta e dá consistência aos tratamentos em psicologia. Afirma a psicologia como ciência, clarificando as suas capacidades, limites e contextos de aplicação, e propondo modelos de intervenção fundamentados para aliviar o sofrimento psicológico.

Com este conhecimento, reforçamos a confiança no que oferecemos aos outros: intervenções eficazes, benéficas e capazes de aliviar o sofrimento humano, reconhecendo, ao mesmo tempo, que todo o saber científico é provisório, sujeito a revisão e em constante evolução. Esta consciência dá-nos a tranquilidade de sabermos que estamos a oferecer, em cada momento, o melhor que o conhecimento disponibiliza naquele momento. E é esta, afinal, a maior responsabilidade e a melhor proposta que podemos apresentar aos nossos concidadãos.





## PARTE 1

# **Desenvolver investigação em Psicologia Clínica e da Saúde**



Capítulo 1

# O processo de investigação

Ana Nunes da Silva

## Resumo

A investigação é uma jornada intelectual pela procura de conhecimento e compreensão de diversos fenómenos. Neste capítulo, o objetivo é fornecer uma visão geral do vasto e complexo mundo da investigação, referindo os elementos essenciais que constituem este processo. É discutida a origem e a importância da investigação em psicologia clínica e da saúde. Serão abordados os diferentes tipos de investigação, as etapas do processo e desafios do mesmo. Discutem-se os vários aspetos que um investigador deve ter em consideração ao iniciar a sua investigação, como uma boa revisão da literatura e reconhecer o tipo de estudo que atende às suas necessidades de investigação. São referidas algumas questões éticas, como a identificação da necessidade de autorizações e questões associadas à proteção de dados. Só depois destas etapas estarem salvaguardadas poderemos seguir para o trabalho empírico. A investigação em psicologia clínica e da saúde revela-se essencial não apenas para fundamentar e promover práticas baseadas em evidências, mas também para consolidar a relevância da psicologia enquanto ciência indispensável ao avanço da saúde e do bem-estar humano.

## O que é investigação científica

A palavra «ciência» deriva do latim *scientia*, traduzida como «conhecimento» ou «saber». Na antiguidade, *scientia* referia-se ao conhecimento sistemático ou à erudição em geral, sem a distinção moderna entre ciência e filosofia. Segundo Ander-Egg<sup>[1]</sup> ciência é um conjunto de conhecimentos racionais, certos ou prováveis, obtidos metodicamente, sistematizados e verificáveis, que fazem referência a objetos de uma mesma natureza. Já para Lakatos<sup>[2]</sup>, a ciência é um processo de desenvolvimento de programas de investigação progressivos, nos quais um núcleo teórico central é protegido por hipóteses auxiliares e deve gerar novos conhecimentos e previsões testáveis para ser considerado científico. Poderíamos assumir que a ciência tem como objetivo a descrição, a explicação e a previsão de fenómenos através da aplicação do método científico, o qual pode ser verificado e reproduzido. Nesse sentido, investigar é definido como um procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico que permite descobrir novos factos ou dados, relações ou leis em qualquer área do conhecimento. Assim, a investigação científica é um processo sistemático e metódico que tem como objetivo adquirir novo conhecimento ou ampliar o conhecimento existente sobre um determinado fenómeno, através da aplicação de métodos científicos. Isso envolve a formulação de perguntas específicas, a recolha e análise de dados relevantes, a interpretação dos resultados e a elaboração de conclusões baseadas em evidências empíricas. A investigação é realizada por diversos motivos, incluindo entender, descrever, prever ou controlar um fenómeno, bem como para capacitar indivíduos em diversos contextos<sup>[3]</sup>.

O processo de investigação começa normalmente com uma pergunta ou observação que leva a uma pergunta. Essa pergunta vai ser o que orienta o processo de investigação. Neste sentido, uma ideia importante é que de certa forma, mesmo que não tenhamos consciência disso, pensamos muitas vezes de uma forma que parece «científica»<sup>[4]</sup>. O ser humano questiona-se acerca do que observa e tenta compreender o mundo que o rodeia, ou seja, tenta arranjar teorias sobre o que observa. Por exemplo, usei um creme novo no corpo e fiquei com comichão. Não usei o creme no dia seguinte e não voltei a sentir comichão – assumo que foi do creme. Contudo, muitas vezes este «pensamento sobre o que nos rodeia» está no

campo do senso comum ou da intuição. O senso comum e o pensamento científico são formas distintas de compreender o mundo.

Para explorar esta situação através do método científico, teríamos de seguir uma série de passos formais que envolvem observação, formulação de hipóteses, uma experiência controlada, a análise de resultados e que conclusões daí resultariam.

Observámos que tivemos comichão após usar o creme de corpo. No dia seguinte, ao não usar o creme, não sentimos comichão. Isto foi a nossa observação inicial. Assim a pergunta ou problema que queremos investigar é: «Será que o creme de corpo causou a comichão?» Baseado na observação inicial, uma hipótese poderia ser: «O creme de corpo causa comichão na pele.» Uma hipótese alternativa poderia ser: «A comichão foi causada por outro fator, como alergias ou irritantes ambientais, e não pelo creme.» Para testar esta hipótese cientificamente, teríamos de desenhar uma experiência controlada (Tabela 1).

Neste exemplo, seria importante certificar-se de que as condições sejam tão semelhantes quanto possível em termos de dieta, stress, temperatura e exposição a outros produtos. Poderia até incluir um «placebo» para ter certeza de que a comichão não é um efeito psicológico: por exemplo, usar uma loção sem ingredientes ativos e sem fragrância que tenha a mesma consistência que o creme original. Seria também importante repetir o teste várias vezes para garantir que os resultados não são aleatórios. Se o participante consistentemente tiver comichão quando usa o creme e não tiver quando não usa, isto fortalece a nossa hipótese.

A investigação é uma das muitas formas diferentes de saber ou entender. É diferente de outras formas de conhecimento, como a intuição, inspiração divina e aceitação de imperativos autoritários, por ser um processo sistemático projetado para recolher, analisar, interpretar e usar dados<sup>[3]</sup>. Enquanto o senso comum é informal, subjetivo e baseado em experiências acumuladas, o pensamento científico é sistemático, objetivo e fundamentado em evidências rigorosas. Ambos têm o seu valor e papel, mas o pensamento científico oferece um meio mais confiável e verificável de obter conhecimento sobre a realidade.

**Tabela 1. Exemplo de experiência científica**

<b>Elemento</b>	<b>Descrição</b>
Variável independente	Uso do creme (usar ou não usar o creme).
Variável dependente	A ocorrência de comichão.
Variáveis de controle	Outros fatores que poderiam influenciar a comichão, como o tipo de roupa que a pessoa está a vestir, a temperatura ambiente, ou exposição a outros produtos químicos ou alimentares.
Procedimento experimental	Uso do creme em alguns dias e não uso em outros, mantendo condições semelhantes.
Possível estrutura da experiência:	Dias 1-3: Não usar o creme e observar se há comichão. Dias 4-6: Usar o creme no mesmo horário do dia e observar se a comichão ocorre. Dias 7-9: Usar uma loção placebo (sem ingredientes ativos) e observar.
Análise e interpretação de dados	Registrar se a comichão ocorre em cada um dos dias em que usa o creme e comparar com os dias em que não usa e analisar se há uma correlação consistente. Se os dados mostrarem que a comichão ocorre significativamente mais nos dias em que usa o creme, então a nossa hipótese é apoiada. Se não houver diferença clara ou se outros fatores se mostrarem influentes, a hipótese pode ser rejeitada ou ajustada. Se necessário, podemos ajustar a experiência para controlar outros fatores que possam ter influenciado os resultados.

Na psicologia clínica, as diferenças entre senso comum e pensamento científico são particularmente importantes, pois têm um impacto na qualidade e eficácia do atendimento proporcionado aos clientes. O senso-comum é muitas vezes baseado em interpretações com valor facial ou em heurísticas recorrentes, como por exemplo a comparação de uma situação com estereótipos já concebidos pela nossa mente, onde as conclusões são baseadas em estereótipos que não refletem a realidade (heurística da representatividade) ou na probabilidade de um evento acontecer a partir da facilidade com que nos lembramos de um evento similar ter acontecido no passado (heurística da disponibilidade, para uma discussão ver Tversky e Kahneman<sup>[5]</sup>).

As crenças baseadas no senso comum podem vir de tradições culturais, mitos populares ou experiências pessoais. O senso comum em psicologia clínica pode ser muito subjetivo e influenciado pelas percepções e preconceitos pessoais. Por outro lado, o pensamento científico em psicologia clínica é baseado em investigação empírica, teorias psicológicas testadas e estudos de eficácia de intervenções terapêuticas. As abordagens científicas seguem métodos rigorosos, incluindo ensaios clínicos controlados, revisões sistemáticas e metanálises para determinar a eficácia das intervenções, e o uso de medidas validadas para determinadas culturas ou populações e adequadas à idade dos participantes. As intervenções científicas são testáveis, sendo que os métodos pelos quais são desenvolvidas devem ser replicáveis. Assim, o método científico procura minimizar a influência de preconceitos e subjetividades através do uso de instrumentos padronizados e procedimentos controlados.

Em psicologia clínica, a aplicação do pensamento científico é crucial para assegurar que a compreensão dos fenómenos ou intervenções sejam eficazes e seguras. Enquanto o senso comum pode oferecer *insights* iniciais ou orientar interações quotidianas, não substitui a necessidade de estudos com o uso de métodos científicos para compreender e intervir nos problemas psicológicos. Por exemplo, utilizar intervenções baseadas em evidências ajuda a garantir que os clientes recebem os melhores cuidados possíveis, baseados em investigações rigorosas e verificáveis. Assim, podemos assumir que a ciência é uma forma de pensar<sup>[4]</sup>. E nesse sentido, mais do que um comportamento em si, é uma atitude, forma de refletir, e de organização do pensamento.

A definição exata de investigação é influenciada pelo referencial teórico do investigador e pela importância que ele dá à distinção entre investigação e outras atividades, ou entre diferentes tipos de investigação<sup>[3]</sup>. O objetivo da investigação científica é aumentar a compreensão acerca de um determinado fenómeno. Isso pode incluir a exploração de relações de causa e efeito, o desenvolvimento de teorias explicativas, a criação ou melhoria de tecnologias, entre outros. Além disso, a investigação científica é caracterizada pela objetividade, rigor metodológico, replicabilidade e transparência, permitindo que outros investigadores avaliem e validem os resultados obtidos.



# Psicologia & Psicoterapia

## EDITORES



David Dias Neto

ISPA – Instituto Universitário.  
Associação Portuguesa de  
Terapias Comportamentais,  
Cognitiva e Integrativa.



Maria João Figueiras

Zayed University  
College of Natural and Health Sciences  
Department of Psychology  
Abu Dhabi Campus  
United Arab Emirates

## AUTORES

Ana Nunes da Silva

Ana Rita Nunes

Ana Virgolino

Bruno Faustino

Carla Cunha

Carla Moleiro

Cátia Martins Castro

Cecília Aguiar

Elisa Kern de Castro

Filipa Pimenta

Inês Queiroz-Garcia

João Delgado

João Salgado

Maiara Moreto

Marta M. Marques

Marta Osório de Matos

Marta Uva

Osvaldo Santos

Paulo Chaló

Rita Sebastião

Sofia Silva-Ribeiro

Sónia Bernardes

Tânia Brandão

Telmo Baptista

**Investigar em  
Psicologia Clínica  
e da Saúde é mais  
do que um exercício  
científico – é um  
compromisso com  
a qualidade da prática  
e um imperativo ético  
na promoção do  
bem-estar humano.**

**Um contributo  
essencial para  
transformar  
conhecimento  
científico em impacto  
real na prática da  
psicologia clínica nos  
contextos de saúde.**

Este livro reúne especialistas de referência que apresentam, de forma acessível e rigorosa, os fundamentos, métodos e aplicações da investigação científica neste domínio. Dos princípios éticos ao desenho de estudos, da análise de dados à disseminação de resultados, passando pelas metodologias qualitativas, quantitativas e mistas, cada capítulo oferece ferramentas indispensáveis para estudantes, investigadores e profissionais.

Com exemplos práticos, guias metodológicos e recursos de apoio, esta obra é um verdadeiro manual para quem procura desenvolver, avaliar e aplicar investigação de qualidade. Trata-se de uma obra que preenche uma lacuna há muito reconhecida na Psicologia Clínica e da Saúde, oferecendo um guia completo e atualizado para a investigação nesta área em expansão.

ISBN 978-989-561-440-0



9 789895 614400